



## ENTRE ANDANÇAS E MOVENÇAS, A LITERATURA DE MOVIMENTO: VIAGENS, EXÍLIOS E MIGRAÇÕES

Entre o traço-rastro a riscar o papel no momento da escrita e o texto que chega ao leitor, a escrita literária é caracterizada pelo movimento, que faz parte de diversas obras literárias as quais representam a imagem do ser em busca de adaptação ao mundo, sendo tema de trabalhos ficcionais e poéticos. Estas narrativas abordam a experiência de trajetos - sejam eles conscientes ou inconscientes, de livre e espontânea vontade ou forçados - experienciados por aqueles que se locomovem de forma direta ou indireta. Por consequência, imagens representativas do movimento foram integradas às narrativas como forma de aprendizagem e também de reflexão, por meio de personagens banidos, exilados, errantes, estrangeiros, deslocados, desterritorializados, migrantes, filhos de migrantes, diaspóricos, filhos da diáspora, entre outros. Todo esse léxico das mobilidades, que pode ser sintetizado pela expressão “condição exílica” (Nouss, 2016), evidencia o quanto a literatura, enquanto um espaço de reflexão da humanidade, coletiva ou individualmente, pode representar o que chamamos de movenças e de andanças.

A partir desta perspectiva, a Revista Em Tese se propõe, por meio do presente dossiê, a colocar em movimento diversos textos que abordam a escrita literária produzida tendo base os deslocamentos, sejam eles resultantes de um caminho traçado entre uma localidade e outra ou de um sentimento de despertencimento em um nível psíquico. Trabalhos os quais tematizam os conceitos de exiliência (Nouss, 2016) e literatura sem morada fixa (Ette, 2018), bem como aqueles que dialogam com representações da diáspora e das migrações e também reflitam sobre os conceitos de território, nação (Anderson, 1993) e globalização serão bem vindos.

Tendo em vista essas considerações acima apresentadas e de forma a proporcionar reflexões e suscitar a escrita de textos para o dossiê, traçamos, tal qual uma rota a ser percorrida, os seguintes questionamentos que orientaram os pesquisadores que se interessam pelo tema abordado: de que maneira o deslocamento é representado na literatura? Como o espaço literário se torna um território, capaz de atribuir a si mesmo uma língua e uma identidade próprias?

A escrita opera como um meio de representação dessas identidades fragmentárias, atribuindo uma coesão que é possível por meio da narrativa? Quais os desafios de se escrever sem fronteiras e em condição de migração? Não somente as respostas a essas questões como também outras perguntas que surgem por meio desses atravessamentos compõem os textos que se apresentam nas seções a seguir.

Na seção *Dossiê*, o artigo **A condição migrante nas poesias de Ana Martins Marques e Prisca Agustoni**, escrito por Carolina Cassese de Vasconcellos Serelle, analisa os livros de poesia *O mundo mutilado* (2020), de Prisca Agustoni, e *De uma ilha a outra* (2023), de Ana Martins Marques, com o intuito de compreender de quais maneiras a condição migrante é retratada nas obras, refletindo sobre a associação entre realidade e representação estética e, ainda, pensar no alcance da literatura como meio de transformação social.

No artigo intitulado **A geografia rebelde de Emily Dickinson: entre o exílio e a publicidade.**, Derick Davidson Santos Teixeira, em um impulso de crítica genética, a partir de um manuscrito de Emily Dickinson, reflete sobre três marcas do exílio na obra da escritora: o exílio da poeta, o exílio do eu lírico de “I’m nobody” e o exílio semântico – característico do território do Neutro, elaborado por Roland Barthes; ver-se-á que, exilada sob a exigência da obra, Dickinson compõe uma geografia rebelde, sugerindo que a experiência poética resiste aos mapeamentos simbólicos.

Outro texto que contribui para este dossiê é o de Iuri Almeida Müller, **Juan José Saer** e os papéis estrangeiros: o exílio, os trânsitos da ficção, o laboratório do escritor, que busca analisar, no âmbito dos cadernos pessoais do escritor argentino Juan José Saer (1937-2005), publicados

de maneira póstuma sob a denominação de *Papeles de trabajo*, como aparecem ali três operações decisivas para a obra do escritor: a questão do *exílio* e do *estrangeiro*, signo que se estabelece desde a partida do autor para a França em fins da década de 1960; as ocorrências de *saídas* e *retornos* dentro do espaço ficcional da obra de Saer, abundantes tanto na literatura publicada em vida como na obra divulgada após a sua morte; os rascunhos e experimentações de *começos* para contos e romances, que entregam aos cadernos a ideia de “laboratório do escritor”.

Em **METÁFORAS DO LUGAR: VIAGEM E EXÍLIO NO PRIMEIRO DRUMMOND**, Sara Begname analisa um conjunto de textos escritos por Carlos Drummond de Andrade durante a década de 1920, publicados em jornais ou registrados em correspondência e projetos de livros anteriores a *Alguma poesia* (1930), investigando a expressão de certo

desajuste do sujeito em relação ao local em que encontra, o que aponta para uma dicção melancólica que se fundamenta sobre um problema do lugar - observa-se como esse sujeito frequentemente coloca-se como uma espécie de exilado na própria pátria, viajante ou transeunte, e as relações dessa poética com a obra de Baudelaire.

Temos a presença, ainda, do artigo **Pienso en otra(s) lengua(s): la escritura como desvío en Paloma Vidal**, de Santiago Toral Reyes, que busca demonstrar como a escrita de Paloma Vidal, no romance *Algum lugar*, habitada entre o português, o espanhol e o inglês, torna-se uma escrita desviante, *queer*, a partir da corporalidade do texto, por meio do entendimento de que os ecos dessas linguagens produzem colapsos num espaço intermediário que se move entre a linguagem familiar, a de uso cotidiano e a de uso obrigatório em um território novo para o protagonista.

Finalizando a parte de textos dedicados à temática do dossiê, o artigo **Progresso e reverso: quando Bilac viajou ao Curral del Rei**, de João Pedro de Carvalho, investiga dois trânsitos: o deslocamento dos moradores do Curral del Rei, cujas casas foram desapropriadas para a construção de Belo Horizonte, e a expedição empreendida por Olavo Bilac, que viajou aos sertões mineiros para conhecer o antigo arraial, que teve como resultado dessa aventura a escrita da crônica “Belo Horizonte – a nova capital de Minas”, publicada em 1894, e ainda pouco apreciada pela crítica do poeta.

A seção *Entrevistas*, ainda em contato com o tema deste dossiê, conta com a participação generosa da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristiane Felipe Ribeiro de Araújo Côrtes, pesquisadora que desenvolve estudos voltados para as relações atlânticas e afro diaspóricas na literatura brasileira. Na

entrevista intitulada **Do centro à periferia: deslocamentos literários**, traçamos um trajeto que perpassa pela abordagem literária dos desafios relacionados às migrações, pela imagem do retorno enquanto processo coletivo de cura por meio da literatura, pelo movimento pendular e sua representação literária, pela possibilidade de mapear as mudanças de perspectiva nas produções contemporâneas sobre o deslocamento e seus efeitos, pelas particularidades no modo como a escrita de deslocamento aparece nas produções contemporâneas, pela viabilidade da poética do movimento enquanto um campo teórico e pela abordagem da temática das literaturas de movimento em sala de aula.

Por sua vez, a seção *Poéticas* reúne textos, escritos e visuais, inspirada pelo tema das andanças e movenças, produto dos tipos de deslocamento. Neste sentido, as

produções que se apresentam dialogam direta ou indiretamente com as possibilidades e as tensões provenientes do movimento, que ora se distancia ora aproxima culturas e subjetividades, escrevendo novas narrativas literárias.

Começamos com as **Colagens móveis**, desenvolvidas por Bárbara Rocha, Danila Gonzaga, Isabela Heneine, Marco Colombo e Marielle Durães, alunos da graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, que se lançaram ao desafio de representar os deslocamentos que as leituras feitas em uma disciplina sobre o tema suscitaram. As seis imagens em texto dialogam com o movimento e se direcionam, por meio do convite ao leitor, a acompanhar esse trajeto e adicionando elementos de um trânsito construído em sala de aula. Entre travessias, saídas, caminhos e fugas, o léxico móvel desenha um traço que reflete o contemporâneo e busca um reflexo na

identificação: as raízes e as memórias auxiliam nas mudanças e no encontro com o novo e com o outro - esse que se acessa a partir do sair de si e da alternância da perspectiva.

Danila Gonzaga, que participa das **Colagens móveis**, também aceita o convite de compartilhar conosco o seu trabalho poético e contribui com os poemas **Nômade** e **Não lugar** em um ritmo e um léxico de uma viagem a uma interioridade na qual as fronteiras entre um eu e um tu são imprecisas. A alteridade se constrói no limiar de algum lugar que não se sabe o nome, mas que se quer sentir em completude.

Soma-se a eles a presença de Rafael Fava Belúzio com **Alguns vagões**, compilado poético dos textos “Quarto de memórias”, “Dois recortes do álbum de família” e “Um recorte para o álbum de família”, que se apresentam como

fragmentos móveis seja no atravessamento de histórias familiares representadas sob o signo do deslocamento seja no uso de metáforas-imagens sobre trajetos, objetos e meios de transporte. Destacamos, ainda, o jogo duplo e tensionado do título, que coloca em contato não somente a mobilidade do vagão, veículo de estrada de ferro utilizado para o transporte de cargas e pessoas, associada às minas de ferro e as mineiridades, mas também a proximidade com o termo “vago” e a sua representação que dialoga com a instabilidade, a imprecisão e a indefinição, bem como com o nervo vago, nervo mais longo do corpo, que compõe o sistema nervoso autônomo e desempenha o papel de controlar as funções corporais involuntárias e as emoções, realizando a comunicação entre o cérebro e os órgãos vitais.

Há, ainda, os três trabalhos poéticos de Raphael Morone, compostos entre imagens e textos que versam

com a temática das viagens e travessias, muito inspirados pelo contraste entre serras e mar. Na série **Margem balneária: Postais de não viagens**, as pinturas digitais dialogam com o traço de um deslocamento ainda a se realizar: cais, serra e praia são as paisagens que evocam, através de meios de transporte presentes e ausentes, o movimento entre um lugar e outro, realizados por navios, barcos, carros e trens. O recorte que se apresenta é apenas um fragmento-instante de algo que já está em curso ou que já esteve e agora repousa. Montanhas e praias se apresentam como o local do encontro com o outro. O segundo trabalho que apresentamos é a série de poemas que farão parte de seu novo livro **Navios Imaginados**, orientados por uma poética marítima: a partir de uma pesquisa arquivística em Santos, cidade natal do autor, tendo como enfoque notícias de jornais relacionadas a rotas e nomes de navios e embarcações e anúncios de

companhias marítimas que operaram entre o início do século XX e os anos 80, Raphael mergulha e se aprofunda em um léxico representativo de uma poética deslocada. Por fim, o último trabalho de Raphael que compartilhamos é o conto curto **Liber Nuñez**, escrito nos rastros de um rosto trazido em um dos retornos de um viajante: a busca pela história do homem da figurinha, que faz parte de uma coleção de objetos aleatórios, desenha uma trajetória que só se constrói por meio do encontro.

Na seção *Teoria, Crítica Literária, outras Artes e Mídias*, o artigo **Pelas trilhas do desejo e do risco: topomorfias narrativo-visuais do cruising em Garth Greenwell, Miguel Ángel Rojas e Chad States**, de Claudimar Pereira Silva, investiga as representações do *cruising* por homens gays no romance *O que te pertence*, de Garth Greenwell, e nas obras de dois fotógrafos: o colombiano Miguel Ángel Rojas, e o

norte-americano Chad States. Por meio da análise intersemitótica das três obras, explicita o modo como as representações do *cruising* formam elementos narrativo-visuais que ressaltam o aspecto impermanente e fugaz dessa prática.

Finalizamos com a seção *Em Tese*, na qual o artigo de José Luiz Tavares e Elizabeth da Penha Cardoso, intitulado **O trágico de Goethe em Álbum de família de Nelson Rodrigues**, tece, assim como o título sugere, algumas considerações sobre o trágico na obra *Álbum de família* de Nelson Rodrigues, partindo da análise da tragédia ática que aponta para a incapacidade do homem em reconhecer o que é correto, chegando à apreciação do drama moderno, no qual a subjetividade ganha destaque e o conflito se dá na relação entre os homens e seguindo a consideração da condição trágica na filosofia do século XVII que aponta para a tensão entre liberdade individual

e poder civilizatório. Tudo isso é feito por meio do destaque à proposição de Goethe, para quem o trágico é a expressão do inconciliável no humano, como lente de leitura para o Álbum de Nelson. Outro artigo que também apresentamos é o de Rodrigo César Dias, intitulado **“A irônica utopia de um domínio duradouro do capital”: a opereta sob o signo da fantasmagoria benjaminiana**, que propõe uma interpretação a respeito da opereta, esse gênero teatral-musical altamente popular na segunda metade do século XIX, lançando mão do conceito de fantasmagoria. Para tanto, procura-se contextualizar o conceito no projeto benjaminiano, estabelecendo articulações entre fantasmagoria, sonho, utopia e imagem dialética, bem como recuperar rastros do diálogo entre o pensamento do filósofo e a psicanálise freudiana.

\*

Bruna Stéphanie Oliveira Mendes da Silva  
Camila Carvalho  
Henrique Júlio Vieira  
Lorena do Rosário Silva  
Pedro Rena